

PERFIL DOS UNIVERSITÁRIOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Phelipe Lins de Moura ¹
Maria Quitéria da Silva ²
Neiza de Lourdes Frederico Fumes ³

RESUMO

Essa pesquisa discute o perfil dos universitários com Deficiência Visual, de uma universidade federal da região nordeste, apontando questões a respeito de gênero, cursos, campus e deficiência. Com isso, o objetivo da pesquisa foi mapear o perfil desses estudantes, matriculados na Educação Superior em 2020, em uma universidade da região nordeste. A pergunta norteadora desta pesquisa foi: qual foi o perfil educacional dos estudantes com DV matriculados em 2020, em tempos de pandemia? A pesquisa se fundamenta na Psicologia Sócio-Histórica (PSH). Nas considerações finais o estudo apontou em relação a escolha de cursos que há uma predominância em uma determinada área, possivelmente pelas circunstâncias e pelos determinantes sociais que condicionam as pessoas com deficiência, aqui especificamente as com DV. Notamos também que as desigualdades de gênero foram um elemento que ficou evidenciado. Há uma exclusão e limitação não apenas das pessoas com deficiência, mas também das pessoas que moram nas cidades distantes dos grandes centros. Concluímos que os dados apresentados não são fixos, estão abertos a mudanças e ao aprofundamento das questões em debate aqui trazidas. Desse modo, concordamos que a inclusão na Educação Superior precisa ser oportunizada a todos, valorizando a diversidade e permitindo um ensino gratuito e de qualidade.

Palavras-chave: Educação Superior, Deficiência Visual, Perfil dos universitários.

INTRODUÇÃO

A presença da pessoa com deficiência na Educação Superior tem se tornado considerável, os dados do INEP (2018) representam um aumento no número de matrículas nos últimos anos. Porém, isso não se apresenta como suficiente, pois se compararmos a dados da população geral se torna insignificante.

Podemos associar esses dados a políticas de cotas para pessoas com deficiência nesse nível de ensino. Tendo como subsídio a afirmação supracitada que nos últimos anos o número de matrículas deu um salto significativo.

¹ Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, phelipemoura13@gmail.com;

² Mestranda em Educação pelo PPGE da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, quiteria.dasilva.1978@gmail.com;

³ Professor orientador: Doutora em Ciências do Desporto e Educação Física pela Universidade do Porto. Professora Titular da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, neizaf@yahoo.com.

Essa pesquisa discute o perfil dos universitários com Deficiência Visual, de uma universidade federal da região nordeste, apontando questões a respeito de gênero, cursos, campus e deficiência.

Diante desse contexto, constata-se a importância de se conhecer o perfil desses estudantes, para que seja possível traçar possibilidades de intervenção, como também se fazer conhecer a realidade educacional, ainda que em termos de caracterização dos alunos em questão, a fim de que a inclusão na Educação Superior possa acontecer.

Ainda que essa pesquisa apresente dados com caráter objetivos, iremos interpretar e articular com as questões subjetivas existentes na realidade do fenômeno, tendo em visto que a base teórica que sustenta esse estudo não dissocia a objetividade da subjetividade, ambas se constituem, ainda que sejam diferentes, mas uma não é sem a outra. (BOCK; AGUIAR, 2016)

Sendo assim, além da descrição dos dados é necessário trazer as implicações que se imbricam e estão implícitas nos números postos.

Com o intuito de contribuir para o processo de inclusão dos estudantes com DV, esta pesquisa objetiva mapear o perfil desses estudantes, matriculados na Educação Superior em 2020, em uma universidade da região nordeste. A pergunta norteadora desta pesquisa foi: qual foi o perfil educacional dos estudantes com DV matriculados em 2020, em tempos de pandemia? A partir dos dados produzidos, alinhados às concepções teóricas adotadas, este estudo pretende contribuir como instrumento de reflexão para a elaboração de políticas públicas que ampliem o acesso a esse grupo, para práticas pedagógicas que contemplem os diferentes perfis educativos e que facilitem o processo de inclusão educacional com qualidade e equidade.

METODOLOGIA

A metodologia do artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.

A metodologia do trabalho caracteriza-se por uma pesquisa quantitativa. Segundo Knechtel (2014), a pesquisa quantitativa é uma modalidade de pesquisa que atua sobre um problema humano ou social, é baseada no teste de uma teoria e composta por variáveis

quantificadas em números, as quais são analisadas de modo estatístico, com o objetivo de determinar se as generalizações previstas na teoria se sustentam ou não.

Esclarece Fonseca (2002, p. 20):

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

A coleta de dados se deu através de questionário aplicado de forma online, devido as condições de distanciamento e isolamento social imposta pela pandemia de COVID-19. O questionário estava distribuído em 6 seções: seção 1 – apresentação da pesquisa e termo de acordo; seção 2 – dados pessoais; seção 3 – conhecimentos iniciais em relação à COVID-19; seção 4 – saúde mental durante a pandemia da COVID-19; seção 5 – autocuidados durante a pandemia da COVID-19; e seção 6 – ensino remoto durante a pandemia da COVID-19.

Para a análise foi utilizada a estatística descritiva que “tem o objetivo principal de descrever detalhadamente os dados e se apoiar em pesquisas anteriores que conduzam a uma conclusão” (MALHEIROS, 2011, p. 179). O tratamento dos dados coletados foi realizado pelo aplicativo do google forms. Após a apresentação dos dados foi feita a análise. Tendo em vista que na análise descritiva “os dados são apresentados para posteriormente o investigador chegar às suas conclusões, principalmente com base no referencial que sustentou a pesquisa” (MALHEIROS, 2011, p. 179).

REFERENCIAL TEÓRICO

Essa pesquisa se fundamenta na Psicologia Sócio-Histórica (PSH), que tem como seu principal representante Vigotski. Nessa teoria o sujeito se constitui e é constituinte das relações sociais. Nessa teoria o sujeito é um ser biológico que se constitui humanamente nas relações sociais. Nesse processo ele não é mero produto do meio, mas sujeito ativo da sua constituição. (SOARES; REBOUÇAS, 2020).

A teoria também possibilita uma orientação aos pesquisadores no processo de compreensão da realidade destacada, criando condições de analisar de maneira mais complexa, como fenômeno histórico-social.

Conforme a PSH na realidade objetiva que os dados imediatos mostram, encontramos aspectos subjetivos de natureza simbólica e psicológica que constituem o fenômeno estudado (BOCK; AGUIAR, 2016).

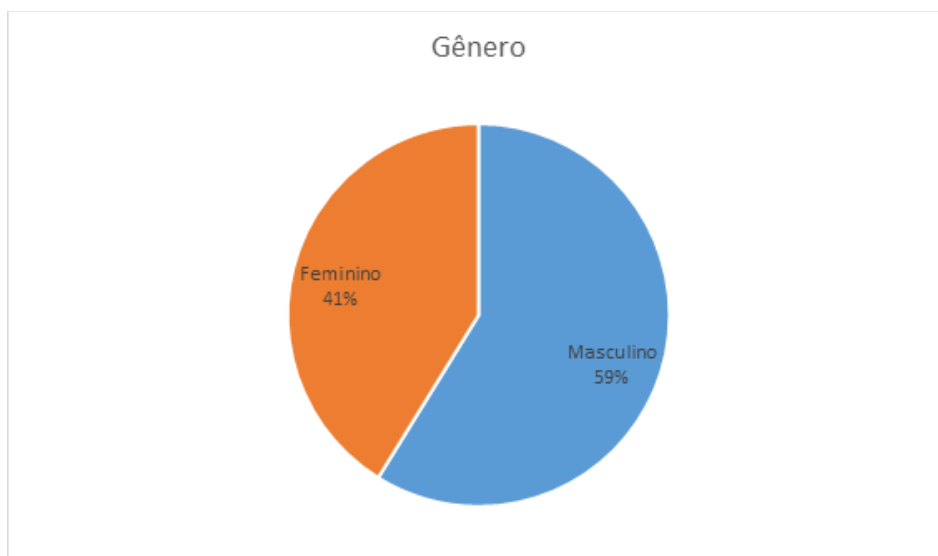
Nas palavras de Bock e Furtado (2020) refletimos que a realidade material traz implicações em virtude do tensionamento da objetividade e da subjetividade que produz a transformação na coletividade, sendo esta protagonista dos seres humanos. Portanto os dados discutidos nesse estudo, traduz num fenômeno real da coletividade, produzido e evidenciado na materialidade e constituinte da subjetividade dos sujeitos que deles fazem parte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos resultados discutiremos os dados que compõem o perfil dos universitários, que perpassam pelas questões de gênero, campus, tipo de deficiência e cursos. Iniciamos apresentando o gráfico 1, que compõe os dados a respeito da questão de gênero, em seguida discutimos sobre o campus que os participantes da pesquisa estudam, depois foi mostrado no gráfico 2 o tipo de deficiência visual, e por fim, o gráfico 3, contém os dados dos cursos escolhidos e cursados pelos universitários.

Gênero

Gráfico 1 - Gênero



Fonte: Autores

No gráfico acima, podemos ver uma quantidade de 10 homens totalizando uma porcentagem de 59% de universitários homens com deficiência visual, e 7 mulheres, que representa 41% de universitárias mulheres com deficiência visual.

Historicamente, é possível constatar as desvantagens das mulheres em relação aos homens, ainda hoje são evidenciadas na análise de diversos indicadores sociais brasileiros (trabalho, renda, na política etc.), trazendo assim várias implicações para a política educacional. Neste contexto, as mulheres com deficiência vivem um ciclo de impossibilidades, que dificultam a inclusão desta população em espaços de privilégio social, como universidades (SILVA, 2019).

As mulheres com deficiência sofrem barreiras sistemáticas durante todo o percurso da vida educacional. Assim, a Educação Superior é uma realidade muito distante para a grande maioria das representantes desse grupo. Provas disso são os dados da ONU (2000) que destacam, no início deste século, o número menor de 1% de meninas com deficiência alfabetizadas nos seis grandes continentes. Além disso, os relatórios das agências internacionais mostram a privação que sofrem as mulheres com deficiência nas três maiores áreas da vida humana: saúde, renda e educação (ONU, 2000; OMS, 2011). Nesta linha, a exclusão que se percebe hoje no sistema educacional é resultado de uma série de fatores históricos, sociais, econômicos e culturais.

Em relação à Educação Superior as mulheres são maioria, tanto nos cursos de graduação, quanto de pós-graduação. Contudo, quando situamos os dados com relação à

deficiência, as mulheres são minoria na Educação Superior. Em pesquisa realizada por (MELO, 2011), observou-se que, dos estudantes com deficiência que ingressaram em uma Universidade Federal até o ano de 2010, 40% deles compreendiam sujeitos do sexo feminino e 60% do sexo masculino, indicador este que contribui para levantar questionamentos sobre possibilidades explicativas para tal realidade.

Os estudos que discutem a perspectiva de gênero e deficiência são escassos, especialmente no que diz respeito às relações estabelecidas com o acesso de mulheres com deficiência à Educação Superior, escondendo as barreiras e a opressão que estão por trás das inacessibilidades e invisibilidade.

Campus

No tocante ao campus, conforme os dados, todos os estudantes com deficiência que participaram da pesquisa estudam no campus da capital.

Devemos considerar que nem todas as cidades possuem campus universitário. As que possuem, existe limitação de ofertas de cursos, o que deixa o sujeito sem muita opção de escolha. Partindo desse pressuposto, justifica-se que somente estudantes com deficiência visual que estudam no campus da capital participaram da pesquisa.

Tipos de Deficiência Visual

Gráfico 2 - Tipo de Deficiência



Fonte: Autores

O gráfico 2 mostra que o quantitativo é de 4 pessoas com baixa visão e 13 pessoas com cegueira. O gráfico mostra também, que a grande maioria dos(as) estudantes que tem deficiência visual, declarou que tem cegueira. De acordo com Silva (2013, 63) a deficiência visual “é considerada a perda total ou parcial, congênita ou adquirida da visão, variando de acordo com o nível ou acuidade visual. Está classificada em cegueira e baixa visão”.

A autora conceitua a cegueira como “perda total ou resíduo mínimo de visão, que leva a pessoa a necessitar do Sistema Braille, ou de recursos tecnológicos, tais como, leitores de texto com sintetizador de voz, por meio dos quais estabelece o diálogo entre percepção e cognição” (2013, p. 63).

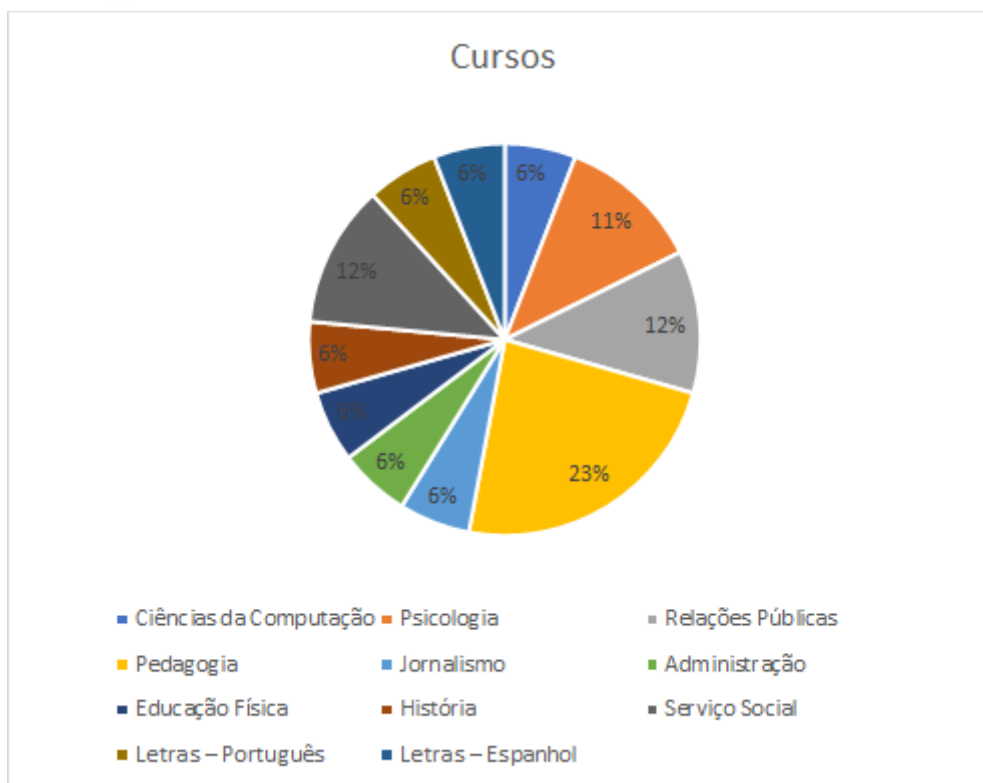
No tocante às pessoas que tem baixa visão trazemos o seguinte concepção: “[...] são aquelas que têm limitações da visão à distância, mas que são capazes de ver materiais e objetos a poucos centímetros de distância; são capazes de ler textos impressos ampliados ou com o uso de recursos óticos especiais” (ASSIS; PEREIRA; SILVA, 2015, p. 216).

Porém, a deficiência não é o que determina a subjetividade do sujeito, ou seja, as pessoas com a mesma deficiência possuem personalidades e conhecimentos diferentes, como também características biológicas diferentes, que não estão necessariamente atreladas à deficiência visual. Nesse sentido, Silva, Amorim e Fumes (2020) corroboram quando analisam que os sujeitos são diferentes, ainda que tenham a mesma deficiência, mas cada sujeito é singular, cada um tem vivências diferentes, necessidades diferentes, habilidades e preferências suas.

Cursos

Agora, para compor o perfil dos universitários DV, apresentaremos os diversos cursos escolhidos pelos universitários com deficiência visual. Nessa questão vale ressaltar que os universitários estão matriculados, apenas no Campus A.C. Simões.

Gráfico 3 - Cursos



Fonte: Autores

Observando o gráfico 2, podemos perceber uma variedade de cursos frequentados pelos alunos com deficiência visual. Há uma predominância no curso de pedagogia e psicologia, cada um respectivamente tendo 4 alunos e 2 alunos. Não apareceu nenhum participante cursando cursos na área biológica/saúde.

Considerando o resultado do gráfico 2, nos debruçamos nos nexos causais que constituem o fenômeno, e que não estão em aparente. Desse modo, apreender o “fenômeno a ser estudado é muito mais do que sua forma externa, ou seja, todo fenômeno possuiria mecanismos internos inacessíveis à observação direta” (COSTA; MARTINS, 2018, p. 546). Nesse sentido, é preciso refletir sobre a ausência de estudantes com DV em cursos nas áreas da saúde e das exatas.

As pessoas com deficiência trazem na sua história os estigmas e os preconceitos da incapacidade, apenas por ter a deficiência. Isto está no imaginário das pessoas, e nesse constructo social também se mostra o significado que foi produzido socialmente acerca das pessoas com deficiência, e o sentido que são os eventos psicológicos associados às experiências sociais que formam a subjetividade do sujeito. A subjetividade que se produz

nas e da relação com as outras pessoas, e perante as condições objetivas que são vivenciadas pelo sujeito (LIMA, 2020).

Para as categorias sentido e significado, Vigotski (2000) compartilha do conceito elaborado por Paulham:

o **sentido** de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O **significado** é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata (p. 465).

Com isso, entende-se que a estrutura econômica distancia as pessoas que têm deficiência dos cursos considerados de caráter mais práticos e elitizados, tendo em vista que o capacitismo é um fenômeno que se faz presente no âmbito universitário, inclusive nos cursos majoritariamente frequentados pela classe que detém o poder, dentre eles os das áreas da saúde e das exatas, mais especificamente os da engenharia.

Desse modo, a discussão nos permite trazer situações sociais remetidas aos futuros profissionais com deficiência, que encontrarão resistências e preconceitos de suas habilidades e possibilidades no mundo do trabalho. Como afirmam Coutinho, Rodrigues e Passerino (2017), o contexto social ainda não assume a acessibilidade como uma condição social a ser garantida, prevalecendo o “antigo paradigma da integração convivendo com o almejado processo de inclusão” (p. 276).

Neste sentido, o âmbito das ciências humanas pode ser visto também como potencialmente mais inclusivo do que as outras áreas do conhecimento. Fazendo com que a escolha dos universitários seja por essa área, havendo assim, uma predominância dos cursos de pedagogia, psicologia e licenciaturas, isso devido às maiores possibilidades de inclusão.

Vale destacar a trajetória dos alunos com deficiência, que é marcada por situações de exclusão, discriminação, descaso e desistência. Isso torna-se um reflexo para escolha dos cursos. A idade dos universitários também pode ser um dos aspectos que pode contribuir para optar por cursos com caráter mais inclusivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou uma síntese do perfil dos estudantes com DV. Nos aspectos já mencionados notamos que há uma predominância nos cursos da área das ciências

humanas, possivelmente pelas circunstâncias e pelos determinantes sociais que condicionam as pessoas com deficiência, aqui especificamente as com DV.

Notamos também que as desigualdades de gênero foram um elemento que ficou evidenciado, em contrapartida, constatamos poucas pesquisas nesse âmbito para sustentar o presente estudo. Em consequência disso, gera-se situações de invisibilidade e exclusão.

Outro aspecto que consideramos foi que há uma exclusão e limitação não apenas das pessoas com deficiência, mas também das pessoas que moram nas cidades distantes dos grandes centros, que ficam sem oportunidades de escolha de cursos e até mesmo de ingressar em uma Universidade de caráter público.

Concluimos que os dados apresentados não são fixos, estão abertos a mudanças e ao aprofundamento das questões em debate trazidas aqui. Desse modo, concordamos que a inclusão na Educação Superior precisa ser oportunizada a todos, valorizando a diversidade e permitindo um ensino gratuito e de qualidade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, T. É. T. de; PEREIRA, L. S. G.; SILVA, R. S. de L.. A importância do uso dos materiais didáticos adaptados no processo de ensino aprendizagem de educandos com deficiência visual no IERC-RN. **Revista Includere**, Mossoró, v. 1, n. 1, p. 217-218, Ed. Especial, 2015.

BOCK, A. M. B; FURTADO, O. Dimensão subjetiva: uma categoria potente em vários campos da psicologia. In: **Dimensão subjetiva: uma proposta para uma leitura crítica em psicologia**. Ana Mercês Bahia Bock, Maria da Graça Marchina Gonçalves, Elisa Zaneratto Rosa (Orgs.) - São Paulo: Cortez Editora, 2020.

BOCK, A. M. B; AGUIAR, W. M. J. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a psicologia da educação. In: AGUIAR, W; BOCK, A (Orgs) **A dimensão subjetiva do processo educacional**. São Paulo: Cortez, 2016, p. 43-60.

COSTA, E. M. da; MARTINS, J. B. O projeto Vigotskiano para uma psicologia científica: anotações sobre “O Significado Histórico da Crise da Psicologia”. **Avances en Psicología Latinoamericana** / Bogotá (Colombia) / Vol. 36(3) / pp. 537-551 / 2018.

COUTINHO, K. S; RODRIGUES, G. F; PASSERINO, L. M. O Trabalho de Colaboradores com Deficiência nas Empresas: com a Voz os Gestores de Recursos Humanos. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 23, n. 2, p. 261-278, Jun 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382017000200261&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 Jun. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382317000200008>



FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LIMA, M. R. e S. As significações de professor do Ensino Médio sobre a educação inclusiva. **Educação**, Santa Maria, v. 45, 2020. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/37039/pdf>> Acesso 28 mai 2020.

MALHEIROS, B. T; **Metodologia da pesquisa em educação** - Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MELO, F. A. S. C., **Educação e Acessibilidade: um estudo sobre estudantes com deficiência em Universidade Pública do estado de Sergipe**. São Cristóvão. Programa de PósGraduação em Educação (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Sergipe, 2011.

ONU. **Alguns Factos e Números sobre as Pessoas com Deficiência de 2000**. Disponível em: <http://www.unric.org/pt/pessoas-com-deficiencia/5459>. Acesso em: 28 jun. 2021.

SILVA, J. S. S., **Indicadores de accesibilidad para la educación superior desde la perspectiva de la equidad de género**. Tese (Doutorado em Educação). Universidad de Salamanca, Espanha: 2019.

SILVA, L. G. S. Orientações didáticas para atuação pedagógica junto a estudantes com deficiência visual, no ensino superior. **Inclusão no ensino superior: docência e necessidades educacionais especiais/ Organização Francisco Ricardo Lins Vieira de Melo**. - Natal: Edufrn, 2013.

SILVA, M. Q; AMORIM. R. O; FUMES, N. L. F. O uso das tecnologias digitais por alunos com deficiência na educação superior. **Anais VII CONEDU - Edição Online...** Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69170>>. Acesso em: 04 mai/2021.

SOARES, J. R; REBOUÇAS, J. A. S. M. A dimensão subjetiva da inclusão do estudante com surdez na aula de língua portuguesa no ensino regular. **Plures Humanidades**. v. 18, n. 1, 2017. Disponível em <<http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/312>> Acesso: 24 jul 2021.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**; tradução Paulo Bezerra. - São Paulo: Martins Fontes, 2000.